



Prenomes cristãos: constituição, etimologia, motivação para a escolha antroponímica e conhecimento onomástico

Christian first names: constitution, etymology, motivation for anthroponimic choice and onomastic knowledge

Márcia Sipavicius Seide

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Cascavel, Paraná / Brasil

marciaseda4@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2859-1749>

Resumo: O estudo exploratório apresentado ao longo deste artigo foca a antroponímia cristã, isto é, o conjunto de nomes próprios de pessoas que apresentam significado etimológico cristão e/ou estão relacionados à história do cristianismo e às religiões cristãs. Objetiva-se apresentar uma investigação preliminar sobre a existência, a constituição, a caracterização etimológica de repertório de nomes cristãos e o conhecimento onomástico acerca deles por parte de falantes do oeste do Paraná, especificamente, de alunos e professores de um curso de graduação ofertado por uma universidade pública da região. A análise do repertório antroponímico dos prenomes dos respondentes mostrou que quase a metade desses nomes está relacionada ao cristianismo. Este resultado confirma a importância cultural e histórica da análise diacrônica dos prenomes. Outro resultado foi alcançado mediante análise das informações fornecidas por portadores desses nomes e de quem os atribuiu a seus filhos: eles sabem a motivação que resultou na escolha de seus nomes, porém. Verificou-se, contudo, que há pouca convergência entre o significado e a motivação para a escolha dos nomes religiosos, tendo em vista que apenas um em cada quatro prenomes religiosos foi escolhido por motivação religiosa.

Palavras-chave: onomástica; antroponomástica; significado etimológico; conhecimento onomástico.

Abstract: The exploratory study presented throughout this article focuses on Christian anthroponomy, that is, the set of proper names of people who have Christian etymological significance and/or are related to the history of Christianity and Christian

religions. The objective is to present a preliminary investigation into the existence, the constitution and etymological characterization of repertoire of Christian names and the onomastic knowledge about them by speakers from western Paraná, specifically, of students and teachers from a undergraduate course offered by a public university in the region. The analysis of the anthroponomic repertoire of respondents first names showed that almost half of these names is names related to Christianity. This result confirms the cultural and historical importance of diachronic analysis of the first names. Other result was obtained by analysis of the information provided by bearers of these names and who attributed them to their children: they are aware of the religious meaning of the names of the repertoire and know the motivation that resulted in the choice of their names. About the relation between meaning and motivation for the choice of religious names, though, there is little convergence between meaning and motivation for the choice of religious names, considering that only one in four religious prenames was chosen by religious motivation.

Keywords: onomastics; anthroponomastics; etymological significance; onomastic knowledge.

Recebido em 11 de abril de 2020

Aceito em 25 de maio de 2020

1 Introdução

Dentre os estudos linguísticos, há aqueles que se voltam ao léxico, isto é, ao estudo das palavras de um ou mais idiomas. No bojo dessa área mais ampla da Lexicologia, estão as pesquisas que contemplam o estudo dos nomes próprios, a Onomástica. O estudo específico dos nomes próprios de pessoas é objeto de estudo da Antroponomástica e o dos nomes próprios que designam os lugares da Toponomástica. No âmbito internacional, os estudos onomásticos contam com uma larga tradição. Em alguns países, como a Inglaterra, a Suécia, a Itália e a Hungria, os nomes próprios começaram a ser estudados cientificamente no começo do século XIX, em outros, o interesse científico por eles data de meados do mesmo século. Este é o caso, por exemplo, dos Estados Unidos e da Rússia. Em outros países, os primeiros estudos sobre os nomes próprios foram publicados ao final da centúria, sendo este o caso da Escócia, da Romênia, da Lituânia, da Espanha, do México e de Portugal, entre outros (HAJDÚ, 2002, p. 22).

Em Portugal, Leite de Vasconcellos foi o primeiro a estudar os antropônimos (como são chamados, tecnicamente, os nomes próprios de pessoas). No Brasil, os estudos antroponímicos se tornaram mais conhecidos a partir dos estudos de Dauzat (1950), em meados do século passado (SEABRA; ISQUERDO, 2018). No Brasil, um dos primeiros linguistas a se dedicar aos antropônimos, foi o professor Mansur Rosário Farâni Guérios, da Universidade Federal do Paraná, cujo dicionário etimológico de nomes e sobrenomes (1981) é usado, ainda hoje, por vários pesquisadores da área.

Apesar de os nomes próprios serem há tantos anos estudados, não é uma tarefa fácil chegar a uma definição consensual sobre a sua constituição, e muito menos descrever todos os tipos de nomes próprios que existem em uma ou várias línguas. Os nomes próprios de pessoas (doravante antropônimos) podem ser descritos do ponto de vista fonético, ortográfico, morfológico, sintático, semântico ou pragmático. Do ponto de vista da pronúncia e da grafia, os nomes que integram o repertório antroponímico da língua portuguesa, em geral, seguem as mesmas regras e possibilidades de variação das demais palavras do idioma, com inclusão dos neologismos entre os quais estão os estrangeirismos (que podem ser mais ou menos adaptados à língua de acolhida). Com relação à morfologia, os antropônimos são suscetíveis aos processos que atingem os substantivos comuns. Com relação à sintaxe, para além da combinatória com verbos e adjetivos, há outras regras, pois diferentes são os padrões de combinação com artigos e pronomes demonstrativos conforme o tipo de antropônimo (prenome, sobrenome, apelido, etc.). Contudo, o componente mais importante para a delimitação e diferenciação entre substantivos comuns e substantivos próprios é o pragmático.

Pelo viés pragmático, importa descrever como são usados os antropônimos e para qual finalidade: os antropônimos são usados-para chamar a atenção de uma pessoa com a qual se quer falar (falar a alguém), para se referir a uma pessoa no curso de uma conversa-(falar de alguém) e também para inscrever o ser humano na ordem jurídica (no caso do registros de recém-nascidos em cartório) ou no âmbito religioso (por batismo e/ou conversão) ou, ainda, colaborar no processo de criação de personagens fictícios. Como bem apontam Seabra e Isquerdo, “em Onomástica a função referencial, seja ela voltada para o nome de pessoa ou para o nome de lugar é a que se destaca” (SEABRA; ISQUERDO, 2018, p. 994). Inclusive é uso referencial dos substantivos próprios que

justifica a descrição da gramática normativa tradicional segundo a qual eles se diferenciam dos substantivos comuns por não indicarem um elemento dentro de uma classe, mas sim um elemento único, singular. De fato,

A função referencial do nome próprio, dada a sua importância, é a única que existe na consciência do falante. No cotidiano, os nomes próprios são usados para fazer referência às pessoas, havendo um total esquecimento de sua carga semântica etimológica ou das conotações afetivas que o nome próprio possa ter para o designador que o escolheu entre outros. O mesmo não ocorre com os apodos e as alcunhas, os quais, apresentando a mesma função, preservam com mais facilidade e por mais tempo seu valor original. No interior de textos orais ou escritos, os nomes próprios são utilizados quer para introduzir um referente no discurso, quer para retomá-lo (...). (SEIDE, 2008, p. 28).

Há diferentes tipos de antropônimos os quais constituem uma classe bem heterogênea, pois abrange tipos bem diferentes de nomes como os sobrenomes, os apelidos, os pseudônimos e os nomes civis (nomes oficiais formados por um ou mais nomes seguidos de um ou mais sobrenomes). Dentre todos os tipos de antropônimos, interessa aos propósitos deste artigo os prenomes oficiais, isto é, a parte do nome civil dos cidadãos responsável pela identificação de uma pessoa no interior de uma família:

O prenome, ou primeiro nome, é o antropônimo que antecede o sobrenome. Geralmente distingue o indivíduo dentro de grupos sociais de sua intimidade. Também é denominado nome de batismo (...) Pode ser simples e composto. No primeiro caso, apresenta apenas um item lexical antroponímico (José) e, no segundo, mais de um (José Maria). De acordo com a legislação brasileira, o prenome, junto com o sobrenome, constitui o nome pessoal garantido por lei (AMARAL, 2011, p. 70).

O estudo exploratório apresentado ao longo deste artigo foca prenomes que apresentam significado etimológico cristão e/ou estão relacionados à história do cristianismo e às religiões cristãs. Objetiva-se apresentar uma investigação preliminar sobre o conhecimento onomástico de alunos e professores de um curso de graduação ofertado por uma universidade pública da região. Pretendeu-se verificar, mediante um

recorte de dados gerados via aplicação de questionários escritos, (1) em que medida portadores de nomes semanticamente cristãos ou com significado religioso cristão têm conhecimento do étimo dos seus nomes; (2) se eles sabem algo sobre a motivação que resultou da escolha de seus nomes e (3) se há convergência entre o significado etimológico e a motivação para a escolha dos nomes.

Os dados apresentados e analisados para atingir os objetivos deste artigo foram extraídos de uma amostra mais ampla.¹ Antes do início da geração de dados, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e aprovado.² O questionário aplicado aos participantes de pesquisa está reproduzido, em anexo, ao final deste artigo. A amostra brasileira contém 96 nomes diferentes alguns dos quais formados por dois prenomes. Desses 48 apresentam carga semântica e/ou etimológica cristã e os 52 nomes restantes apresentam outras características. Não cabe no escopo deste artigo analisar esses outros nomes.³

No Brasil, os dados foram aplicados pela autora deste artigo; enquanto os alunos responderam questionários impressos presencialmente, em sala de aula, os professores o fizeram escrevendo no questionário impresso ou digitando no questionário que lhes foi enviado por e-mail. Recolhidos os questionários, eles foram digitados e arquivados em documento único. Posteriormente, os dados registrados foram tabelados numa ficha de registro que continha os campos: prenome, data de nascimento, motivação e evidência textual, campo no qual há uma seleção das informações mais pertinentes entre as fornecidas no questionário. Para os propósitos desta pesquisa, foram selecionados dados relativos a portadores de nomes de étimo ou histórico religioso cristão e pertinentes aos objetivos da pesquisa, a saber, aferir o conhecimento

¹ A amostra foi constituída por questionário preenchido por 132 informantes (alunos e professores universitários de uma universidade estadual do Oeste do Paraná) e 100 informantes (alunos e professores da Universidade de Šiaulai, na Lituânia) para o projeto de pesquisa “Estudo contrastivo sobre a escolha antroponímica em Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil e em Šiaulai, Lituânia”.

² Esta informação pode ser confirmada no site Plataforma Brasil, disponível em: <http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf> pelo número de registro do projeto, a saber 84919518.6.0000.0107.

³ Quando se contam os nomes separando os nomes formados por mais de um prenome, chega-se ao total de nomes diferentes da amostra, 116 prenomes simples.

dos portadores sobre seu próprio prenome e verificar se esses nomes relacionados à religião cristã foram escolhidos por motivação religiosa.

Enquanto a primeira seção deste artigo apresenta a constituição e a análise etimológica dos prenomes cristãos encontrados na amostra, a segunda foca o conhecimento onomástico dos falantes que os portam e daqueles que escolheram nomes cristãos aos seus filhos, e a terceira e última seção do artigo faz algumas considerações sobre o estudo exploratório realizado.

2 Constituição e análise etimológica do repertório cristão de prenomes da amostra

Do ponto de vista histórico, a maioria dos antropônimos é proveniente de nomes comuns (ORTEGA-OJEDA, 1994) e, embora haja nomes comuns provenientes de nomes próprios, o contrário (nomes próprios provenientes de nomes comuns) é mais frequente (VAN LANGENDONCK, 2007, p. 270). Assim, quando se remonta ao étimo do repertório de nomes próprios de línguas europeias, percebe-se que, como o constata Lopez-Franco, escondido nos nomes, pode haver um ou mais nomes comuns (substantivos ou adjetivos) e até sintagmas significativos (2014, p. 71).

O nome Pedro, por exemplo, etimologicamente provém de *petra*, pedra em latim (GUÉRIOS, 1981, p. 199). Para além de sua origem, esse nome pode ser relacionado ao fato de um dos apóstolos de Jesus Cristo ter este nome. Cumpre ressaltar que sobrenomes também apresentam um étimo e significado original e, muitas vezes, há uma explicação histórica que explica a origem de seu uso do nome de pessoa. Este é o caso do sobrenome italiano Boaventura. De acordo com Frosi (2014), a origem desse sobrenome está no sintagma latino *bōnu(m)* e *ventūra* que significa boa sorte, bom destino). Esse sobrenome era “usado com o sentido de que a criança recém-nascida constituísse “para a família boa ventura, sorte” e é atestado desde 1178 (FROSI, 2014, p. 409). Outro tipo de sobrenome foi criado para ser atribuído a crianças órfãs abandonadas, no caso a seguir, a concorrência de significado etimológico e circunstâncias históricas é clara: o sobrenome italiano Casagrande provem das palavras latinas *casa(m)* e *grande(m)*, contudo, sua origem histórica foi assim explicada por Frosi:

Este sobrenome tem como base uma relação toponímica: construção, edifício grande, mas *Casagrande* era também o Orfanato, no sentido de Casa Grande de Piedade. Portanto, também este sobrenome, assim como *Casadei*, *Casadio*, *Cadei*, *Casadidio* era dado às crianças enjeitadas pelos pais e adotadas, criadas num Orfanato, num Instituto religioso ou num Hospital de Caridade (FROSI, 2014, p. 406).

Como se sabe, nomes de profissões e apelidos são outras fontes de sobrenomes europeus. No caso dos apelidos, a origem comum e o significado original permanecem por mais tempo, se bem possa ocorrer, ainda que em menor grau, o processo de opacificação pelo qual o significado de uma palavra deixa de ser percebido pelos falantes ou deixa de ser pertinente. Esta possibilidade pode ser exemplificada pela seguinte análise do apelido flamengo *Suske de Vêrver* (Francis o Pintor) por Van Langendonck: caso a pessoa que recebeu este apelido não tenha mais o ofício de pintor, isto em nada diminui a função de nome próprio desse apelido, haja vista que o ex-pintor continuará a ser chamado por seu apelido (2007, p. 195).

Os estudos ora mencionados demonstram que prenomes, nomes, sobrenomes e inclusive apelidos apresentam um significado etimológico. Para os fins da pesquisa ora apresentada os nomes da amostra que apresentam significado etimológico cristão foram selecionados. Após a seleção dos dados, primeiramente, confirmou-se a inclusão dos prenomes na categoria de nomes com etimologia ou histórico religioso cristão via consulta a um dicionário etimológico de nomes e sobrenomes (GUÉRIOS, 1981) e ao dicionário de Olivier (2010). A consulta ao segundo dicionário citado foi feita apenas para o prenome *Keila*, único que não constava na obra lexicográfica de Guérios. Cumpre esclarecer que a escolha de uma única referência para a análise etimológica se deve ao fato de o dicionário de Guérios ter sido elaborado com base em uma ampla pesquisa em dicionários etimológicos europeus e em várias pesquisas filológicas e históricas. A qualidade e precisão das informações do dicionário de Guérios foi atestada em pesquisa anterior na qual a consulta ao seu dicionário resultou nas mesmas informações coletadas mediante consulta a um dicionário etimológico da língua lituana (SEIDE; PETRULIONĖ, 2018).

A quantificação dos prenomes informados pelos respondentes brasileiros indicou haver, na amostra, 96 nomes diferentes, dos quais 48

são formados ao menos por um nome religioso, de acordo informação disponível no dicionário etimológico de nomes e sobrenomes de Guérios (1981) e de Olivier (2010), conforme se mostra no Quadro 1. Cumpre esclarecer que, nos casos de portadores de dois prenomes com apenas um deles com significado religioso, a posição do nome (n1 ou n2) foi indicada entre parênteses.

QUADRO 1 – Portadores de nomes com significado religioso

1. Ana (n1)	17. Daniele	33. Lucas Matheus
2. Ana (n1)	18. Danielly (n1).	34. Maria (n1)
3. Ana (n1)	19. Elisângela	35. Maria (n2)
4. Ana (n1)	20. Emanoeli (n2)	36. Maria (n2)
5. Ana (n1)	21. Emanueli	37. Maria (n2)
6. Ana (n1)	22. Emanueli (n2)	38. Maria José
7. Ana (n2)	23. Ester (n2)	39. Mariana Teresinha
8. Ana Regina	24. Gabriela (n1)	40. Mariany (n2)
9. Angela (n1)	25. Gabriela (n1)	41. Mirian
10. Anna (n1)	26. Giovana (n1)	42. Paula (n 2)
11. Cristina (n2)	27. Giovana (n2)	43. Paulo (n1)
12. Cristina (n2)	28. Joana	44. Raquel (n2)
13. Cristina(n2)	29. João (n1)	45. Rebeca Cristina
14. Christian	30. Keila	46. Regina (n2)
15. Cristiane	31. Lucas	47. Rita
16. Daniel (n1)	32. Lucas Benjamim	48. Theo

Fonte: elaborado pela autora.

A análise mais pormenorizada do significado etimológico e/ou da origem desses nomes, por sua vez, possibilitou sua organização em cinco categorias, a saber, (1) nomes hebraicos, gregos ou latinos com significado etimológico religioso; (2) nomes hebraicos que remetem a personagens do Antigo ou do Novo Testamento; (3) nomes relacionados a Jesus Cristo ou sua família; (4) nomes relacionados aos apóstolos; (5) nomes de santos da Igreja Católica. Esses resultados estão apresentados nos Quadros 2 a 6.

QUADRO 2 – Nomes hebraicos com significado religioso

Nome	Significado	Fonte
Emanueli, Emanoeli	Deus é conosco	GUÉRIOS, 1981, p. 101
Ângela, Elisângela (Elisa +Ângela)	anjo, mensageiro de deus	GUÉRIOS, 1981, p. 58
Rafael, Rafaela	curada por Deus	GUÉRIOS, 1981, p. 185
Theo	Deus ⁴	GUÉRIOS, 1981, p. 205.

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 3 – Nomes hebraicos que remetem a personagens bíblicos

Nome	Significado	Fonte
Ana	graça, clemência, mercê [”]	GUÉRIOS, 1981, p. 57
Ester	nome da Estrela de Vênus e da deusa Istar	GUÉRIOS, 1981, p. 102
Daniel, Daniele, Danielly	meu Juiz é Deus [”]	GUÉRIOS, 1981, p. 100
Gabriela	De Gabriel, homem herói de Deus	GUÉRIOS, 1981, p. 113
João, Joana, Giovana	É cheio de graça	GUÉRIOS, 1981, p. 135
Keila	aquela que reúne membros de uma congregação (assembleia religiosa)	OLIVER, 2010, p. 423
Benjamim	Filho da mão direita, filho da felicidade	GUÉRIOS, 1981, p. 67

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 4 – Nomes relacionados a Jesus Cristo ou sua família

Nomes	Significado	Fonte
Cristina, Chirstian, Cristiane	Cristão	GUÉRIOS, 1981, p. 86
Maria, Mariana, Mariany	predileta de Javé	GUÉRIOS, 1981, p. 152
Mirian	de Maria	GUÉRIOS, 1981, p. 158
José	Deus aumente	GUÉRIOS, 1981, p. 135
Regina	Rainha em referência à Nossa Senhora	GUÉRIOS, 1981, p. 210

Fonte: elaborado pela autora.

⁴ No dicionário de Guérios (1981), o nome Teo não é registrado como prenome, mas sim como formante de nomes como Teócrito e Teodoro.

QUADRO 5 – Nomes relacionados aos apóstolos

Nome	Significado	Fonte
Lucas	da Lucânia, natural da Lucânia	GUÉRIOS, 1981, p. 147
Mateus	Presente de Javé	GUÉRIOS, 1981, p. 154
Paulo, Paula, Paola	Pequeno	GUÉRIOS, 1981, p. 175
Pietro	Pedra	GUÉRIOS, 1981, p. 176

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 6 – Nomes de santos da Igreja Católica

Nome	Significado	Fonte
Teresinha	Nascida na ilha de Thera, “O n. tornou-se popular desde Santa Teresa de Jesus (séc. XVI) e, atualmente, por Santa Teresinha do Menino Jesus (1873-1897)	GUÉRIOS, 1981, p. 206
Rita	hip.de Margherita, cujo significado é pérola, “Difundido graças a Santa Rita de Cássia”.	GUÉRIOS, 1981, p. 187 e p. 152

Fonte: elaborado pela autora.

Do ponto de vista quantitativo, observa-se que a maioria dos nomes está na categoria dos nomes hebraicos, que remetem a personagens bíblicas (11 prenomes), seguido dos nomes que remetem a Jesus Cristo ou sua família (9 prenomes), dos nomes hebraicos com significado religioso (7 prenomes), dos nomes de apóstolos de Cristo (6 prenomes) e dos nomes de santos católicos (2 prenomes).

Do ponto de vista qualitativo, percebe-se que a diversidade de categorias de nomes de significado ou histórico religioso acompanha a história da religião cristã. Os nomes da primeira categoria remetem ao legado da civilização judaica para a constituição do cristianismo. O mesmo pode ser dito dos nomes da segunda categoria, os quais são originários do Antigo Testamento, o qual, como se sabe, reúne os textos judaicos. Em sua origem, o Cristianismo era considerado uma seita judaica tanto por judeus – tendo em vista que, ao redor do Mediterrâneo a prática proselitista cristã ocorria nas sinagogas – quanto por romanos, na época do Império Romano (HURBUT, 2007, p. 40; CASTOLDI, 2014, p. 23). A terceira e a quarta categorias também apresentam carga semântica cristã por remeterem a Jesus Cristo, a sua família e a seus apóstolos

A última categoria, por sua vez, remonta à história do Catolicismo, pois se refere ao culto dos santos e à prática de fazer e cumprir promessas, ambas muito comuns no catolicismo popular, no qual se promove “a humanização do divino, o uso de símbolos mediadores faz parte do conjunto de ações características do meio popular, a imanência presente, o intimismo que se faz presente, a relação do devoto com o santo padroeiro e mesmo as ações feitas por estes como agradecimento a alguma graça alcançada (promessas)” (MELO; SANTOS, 2015, p. 161).

A existência desses nomes no repertório antroponímico do Português do Brasil, como se sabe, explica-se por razões históricas: a colonização inicial do país por Portugal, país onde até hoje predomina a religião católica e, posteriormente, por pessoas oriundas de outras nações europeias católicas (como é o caso dos migrantes italianos) ou não (como é o caso dos imigrantes alemães, em sua maioria luteranos), e também por ter se desenvolvido, no Brasil, um catolicismo colonial peculiar, com características próprias (CHAHON, 2014).

Esta breve incursão na história do cristianismo e do catolicismo foi motivada pelo estudo etimológico dos prenomes o qual mostra que as marcas de civilizações passadas estão inscritas nos antropônimos haja vista que “Os nomes são criados sob o influxo religioso, político, histórico, etc., de circunstâncias variadíssimas, e em que transparece viva a alma popular de todos os tempos e de todos os lugares” (GUÉRIOS, 1981, p. 18). Esta análise confirma também o ponto de vista defendido por Carvalinhos, para quem os antropônimos constituem um “um manancial rico para conhecimento não apenas da língua, mas também permite apreender um pouco da cultura, religião e até ideologia do povo que o criou em determinada época” (CARVALINHOS, 2007, p. 16).

Não obstante a pertinência do estudo etimológico dos antropônimos, este tipo de abordagem não possibilita qualquer análise sobre o processo nomeador pelo qual os prenomes são atribuídos às pessoas e nada informa sobre o conhecimento onomástico do falante. Essas questões são tratadas na próxima seção deste artigo.

3 Competência onomástica e motivações para a escolha de nomes cristões

Enquanto componente do sistema linguístico de uma língua particular, a categoria dos nomes próprios também integra os

conhecimentos que um falante nativo tem sobre sua língua materna.⁵ A parte relativa aos nomes próprios, por sua vez, constitui a competência onomástica ou conhecimento onomástico do falante (COSERIU, 1985; ORTEGA-OJEDA, 1994; LÓPEZ-FRANCO, 2014).

Faz parte do conhecimento onomástico do falante o conhecimento sobre as características linguísticas dos nomes próprios em sua língua materna e sobre como eles são usados na comunidade linguística à qual ele pertence. Ressalte-se que este conhecimento pode ou não incluir àqueles relacionados ao estudo do significado etimológico dos nomes próprios, mas, com certeza, inclui as crenças e atitudes do falante a respeito desses nomes, principalmente no que se refere às duas subclasses mais prototípicas: a dos nomes próprios de lugares (topônimos) e a dos nomes próprios de pessoas (antropônimos). Enquanto as crenças dizem respeito a como cada um concebe o modo como os nomes devem ou podem ser, e inclui critérios subjetivos responsáveis pela avaliação (positiva, neutra ou negativa) de nomes próprios, as atitudes indicam se os nomes próprios são vistos como sendo semanticamente opacos ou transparentes, isto é, se apresentam algum significado ou têm, meramente, uma função referencial ou identificatória. Com relação a como os nomes próprios são usados, no que respeita os antropônimos, este conhecimento inclui, necessariamente, as maneiras como eles são atribuídos tanto na comunidade à qual o falante pertence, quanto no país onde ele mora ou reside e, opcionalmente, por quais motivos e por quem as pessoas são nomeadas. Eventualmente, também pode ocorrer de o falante ter algum conhecimento sobre a etimologia dos nomes e seu significado original.

Com relação à descrição da competência onomástica dos falantes, há a pesquisa pioneira de Gonzalo Ortega-Ojeda (1994). Inspirado pelos estudos de Coseriu (1985), o pesquisador espanhol se propôs a descrever a competência onomástica dialetal dos habitantes das Ilhas Canárias, na Espanha (ORTEGA-OJEDA, 1994). A competência onomástica faz parte de uma competência mais ampla: a competência linguística ou saber linguístico (COSERIU, 1985, p. xxvi).

É preciso esclarecer que, neste artigo, adota-se o conceito de competência utilizado por Coseriu (1985) que não tem relação com

⁵ Também há a competência onomástica em língua estrangeira que é aprendida quando se aprende uma língua estrangeira e também quando o falante nativo aprende nomes próprios em língua estrangeira quando usados ou mencionados no seu cotidiano.

a noção chomskiana de *competence*, e tampouco se relaciona com a dicotomia *langue-parole* de Saussure. Para se entender o conceito de conhecimento linguístico de Coseriu é necessário levar em consideração sua concepção de linguagem a qual é descrita em três níveis: o da linguagem em geral – ou seja, aquilo que é independente de uma língua em particular e por isso mesmo universal, isto é, compartilhado por todas as línguas – o de uma língua particular e o nível expressivo, o qual responde pelo uso individual da língua e é orientado pelo discurso.

Como se sabe, cabe à linguística o estudo científico daquilo que diz respeito à linguagem como todo, isto é, ao que corresponde a todas as línguas. Também cabe a este campo de estudo a investigação, descrição e análise das características linguísticas relativas a uma língua em particular e também daquelas que se referem ao uso expressivo e criativo de uma língua particular por parte de um falante numa situação específica. Como mostram os exemplos dados por Coseriu (1985, p. xxviii) reproduzidos no quadro 7, os falantes conseguem perceber os três níveis de estudo linguístico acima aludidos.

QUADRO 7 – Exemplos de percepção dos níveis da linguagem pelo falante

Nível	Exemplos dados por Coseriu
1.	Quando concluímos que duas pessoas estão discutindo numa situação na qual ouvimos um diálogo, mas não conseguimos enxergá-las, nem entender o que estão falando.
2.	Quando nos damos conta que uma língua determinada (inglês, francês ou alemão, por exemplo) está sendo falada, percebemos o nível da língua, como uma língua histórica em particular .
3.	Quando chegamos à compreensão de que um delas está pedindo algo, dando uma ordem ou fazendo uma determinada pergunta, nós percebemos o nível individual da língua como discurso. ⁶

Fonte: Coseriu (1985, p. xxviii) (tradução nossa).

⁶ “When listening to a dialogue between persons whom we are unable to observe and whom we do not understand, we might, by instance, conclude that these persons are engaged in an argument. If we realize that English, French, or German is being spoken, we perceive the historical level of language, and if we understand that X utters, by instance, a request, gives an order, or asks a certain question, we perceive the individual level of language as discourse.” (COSERIU, 1985, p. xxviii.)

Os exemplos fornecidos por Coseriu descrevem apenas uma parte do conhecimento linguístico do falante, pois se referem às chamadas habilidades passivas (audição, leitura e interpretação). O pesquisador romeno esclarece que há também o conhecimento elocucional, o conhecimento idiomático e o conhecimento orientado pelo discurso. No trecho reproduzido a seguir, há definições que incluem as chamadas habilidades ativas (fala e escrita) do uso linguístico. A capacidade universal de fazer uso da linguagem corresponde à capacidade igualmente universal do saber-fazer, é isto, ao que ele chama de saber elocucional (nível 1). A capacidade de fazer uso de uma língua histórica em particular, por sua vez, corresponde ao que ele chama de saber idiomático (nível 2). Por fim, corresponde ao que ele chama de saber expressivo a capacidade de saber como determinados discursos devem ser construídos em determinada situação (nível 3) (COSERIU, 1985, p. xxxix).⁷

Inspirado nessas distinções, Ortega-Ojeda (1994) se propôs a descrever o conhecimento onomástico dos habitantes das Ilhas Canárias a partir de um falante nativo ideal. Esta decisão de pesquisa, reconhece o autor, torna necessária a realização de pesquisas de campo para que se faça uma descrição empírica do que realmente um falante conhece sobre os nomes próprios (ORTEGA-OJEDA, 1994, p. 303).

Correspondendo aos níveis propostos por Coseriu (1985), Ortega-Ojeda (1994) distingue três subcompetências do conhecimento onomástico do falante: conhecimento onomástico em sentido estrito, conhecimento geral ou dialetal e competência histórica e cultural. O pesquisador espanhol adverte que, a cada uma delas, quando se consideram os falantes concretos, pode haver um não saber ou um saber equivocado. De fato, há muita variação no conhecimento onomástico de uma pessoa para a outra: há os que pouco sabem, aqueles que, por curiosidade, investigam e descobrem o significado etimológico de alguns nomes próprios (ORTEGA-OJEDA, 1994, p. 293), aqueles que, por sua profissão ou interesse pessoal se tornam “especialistas no assunto”.

⁷ In the case of language as knowledge (...) the universal level of speaking in general corresponds to an equally universal knowing-how which I call “elocutional knowledge; the historical level of particular language to an “idiomatic knowledge” and the individual level of the discourse to a discours-oriented knowledge, a knowledge how certain discourses should be constructed in certain situations, a kind of which we choose to call “expressive knowledge”. (COSERIU, 1985, p. xxxix.)

Segundo o pesquisador são “especialistas” no assunto comentaristas esportivos, críticos musicais, taxistas, cobradores e carteiros os quais costumam ter, em decorrência do próprio ofício, uma competência onomástica mais desenvolvida. O mesmo ocorre com pessoais que se interessam mais pelos nomes das pessoas, não por dever da profissão, mas por *hobby* ou predileção. (ORTEGA-OJEDA, 1994, p. 303)

Não obstante as limitações de seu estudo (não tem respaldo empírico, tendo em vista a ausência de pesquisa de campo e a descrição feita ao longo de seu artigo se basear em um falante ideal, motivo pelo qual não abrange a diversidade do conhecimento linguístico dos falantes), a descrição de Ortega-Ojeda (1994) esclarece em que consiste a competência onomástica em geral e especialmente, a antropônima,⁸ conforme se vê no Quadro 8. Apesar de fazer menção à possibilidade de haver falantes que tenham conhecimento da etimologia dos nomes, em princípio, este saber não foi incluído em sua descrição.

QUADRO 8 – Descrição do conhecimento antropônimo do falante

Competência	Descrição
1. Competência onomástica em sentido estrito (funcional)	conhecimento de um nome e de seu referente
2. Competência geral ou dialetal	conhecimento de 1) nomes civis ou nomes de batismo 2) hipocorísticos. 3) sobrenomes – em especial quando há homonímia com nomes comuns – 4) apelidos individuais; 5) gentílicos; 6) apelidos gentílicos ⁹
3. Competência histórico-cultural	conhecimento da causa histórica pela qual ao referente A se atribuiu o nome X. – em especial quando se trata de apelidos --. ¹⁰

Fonte: elaborado pela autora, baseado em informações de Ortega-Ojeda (1994).

⁸ A competência onomástica toponímica também é mencionada pelo autor, contudo, de forma secundária, ao final de seu artigo.

⁹ No original, consta o termo em espanhol *apodo gentilico* (ORTEGA-OJEDA, 1994, p. 300).

¹⁰ No original, consta o termo em espanhol *apodo personal* (ORTEGA-OJEDA, 1994, p. 294).

Além de Ortega-Ojeda, há outros estudiosos que mencionam ou utilizam o conceito de competência onomástica em suas pesquisas. Os quadros 9, 10 e 11 sintetizam a proposta de descrição de López-Franco (2014, p. 76-77) sobre os conhecimentos linguísticos envolvidos nos níveis na língua, da norma e da fala dentro da qual se inclui o nível procedural proposto por Kleiber (1995). Para que se entenda melhor a proposta de López-Franco, cumpre retomar as noções coserianas de língua, norma e fala. Para o linguísta romeno, o sistema é o grau mais alto de abstração linguística.¹¹ Fazem parte do sistema as oposições funcionais, as regras e as potencialidades de uso do idioma. Da norma, as oposições não funcionais formadas pelos hábitos linguísticos da comunidade de fala na qual o indivíduo se encontra e, na fala, estão os usos que são fruto da utilização individual da linguagem, atos pautados tanto por características sociais da situação de uso, quanto por peculiaridades idiossincráticas do falante.

QUADRO 9 – Proposta de López-Franco para o nível da língua

Significados	Descrição
1. Significado categórico pressuposto	indica se o portador do nome é homem ou mulher
2. Significado gramatical	indica o número, o gênero, a pronúncia e a grafia do nome.
3. Etimológico	pode ser transparente ou opaco

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 10 – Proposta de López-Franco para o nível da norma

Informações referentes a	Função
1. Fatores sociolinguísticos	permite saber se um nome determinado é tradicional ou não, por exemplo, ou pressupor qual a idade e/ou classe social daqueles que escolheram o nome
2. Imaginários etno-socioculturais	permite situar os nomes no tempo e no espaço e possibilitam o emprego figurado nas figuras de retórica metafóricas e metonímicas

¹¹ Cumpre informar que o pesquisador romeno reconhece a existência de um grau ainda mais abstrato, porém linguisticamente vazio a que corresponderia o conceito *hjelsleviano* de esquema, onde estariam as funções puras (COSERIU, 1985).

3. Fatores pragmáticos	Permite a percepção de a) casos de multidenotação (muitos portadores de um mesmo nome; b) polinomia (muitos nomes para um mesmo portador; e a distinção entre subcategorias antroponímica (i.e. se um determinado nome é um hipocorístico, um apelido ou um aposto)
------------------------	---

Fonte: elaborado pela autora.

QUADRO 11 – Proposta de López-Franco para o nível da fala

Significados	Funções
1. Associativo	fixação da referência que torna possível a descrição do portador
2. Emotivo	fator de seleção do nome de batismo (LÓPEZ-FRANCO, 2010), percepção do significado do nome como opaco ou transparente conforme reatualização do nome no discurso
3. Denominativo procedural (KLEIBER, 1995)	permite ligar o nome ao seu referente quando se escuta o nome durante uma iteração verbal cotidiana.

Fonte: elaborado pela autora.

Aquilo que, na proposta da pesquisadora mexicana, se situa no nível da norma inclui os conhecimentos que fazem parte da subcompetência onomástica dialetal descrita pelo pesquisador espanhol. Cumpre ressaltar que, para a pesquisadora, a consciência metalinguística precientífica dos falantes médios faz parte da norma (LÓPEZ-FRANCO, 2014, p. 76).

Em comparação com a proposta do pesquisador espanhol, há, na descrição da pesquisadora mexicana, a inclusão de aspectos importantes do significado dos nomes da perspectiva do usuário do idioma e uma descrição detalhada sobre como os nomes são usados cotidianamente, com inclusão daquilo que o falante sabe a respeito do portador do nome.

Cumpre ressaltar que, enquanto Ortega-Ojeda (1994) não descarta a possibilidade de que haja falantes que conheçam o significado etimológico de alguns nomes, López-Franco (2014) o situa no nível da língua. Cumpre esclarecer que faz parte do conhecimento linguístico do falante os conhecimentos relativos à língua, a qual é concebida não como um sistema fechado que pré-determina totalmente os usos linguísticos, mas sim como um sistema dinâmico e funcional. A concepção linguística de Coseriu (1985) é assim esclarecida por Uchôa:

Coseriu se afasta de Saussure, que opunha apenas a *langue* à *parole* (fala, discurso). O mestre genebrino não considerou o nível ainda abstrato da norma, que vem a ser aquilo que se diz habitualmente numa comunidade, um modo de agir verbal. Mas é a língua, como sistema funcional, que se apresenta como um sistema de possibilidades, logo sistema na sua condição de saber criativo, que irá permitir ao falante desrespeitar o uso fixado, particularmente quando o intento expressivo se torna altamente elaborado na criação estética, promovendo, na feliz expressão de Manoel de Barros, os versos “Porque eu não sou da informática/ eu sou da invencionática” (Barros, 2003, IX). Graças a tal conceito de língua como sistema de possibilidades, tão bem fixado por Coseriu, fica mais fundamentada a noção de que saber uma língua não é só saber o que se diz, mas também saber o que possa ser dito (UCHÔA, 2018, p. 44).

A análise crítica e a reformulação das propostas de Ortega-Ojeda (1994) e de López-Franco (2014) resultaram na descrição de competência onomástica relativa ao prenome utilizada neste artigo, a qual está visualizada no quadro 12. Trata-se de um conjunto de quinze componentes do conhecimento sobre o prenome que abrange os níveis da língua, da norma e da fala e considera o nome tanto como produto quanto como processo. Cumpre ressaltar que esse conhecimento contempla do saber necessário ao uso proficiente do idioma até o saber opcional, isto é, daquilo que não sendo estritamente necessário ao uso do prenome pode ser conhecido pelo usuário do idioma. Aquém do contemplado estão os afásicos que apresentam déficits severos nos três primeiros componentes listados são indicadores de afasia (VAN LANGENDONCK, 2007, p. 106-113), e no ponto máximo de conhecimento onomástico estão, por exemplo, um crítico literário especializado nos usos ficcionais dos prenomes. Estão em diferentes graus da escala os conhecedores do significado etimológico dos nomes em geral e os que sabem contar a história da escolha de um prenome, seja o de si mesmo ou de outrem.

QUADRO 12 – Competência onomástica relativa ao prenome

1. significado denominativo procedural na linguagem cotidiana (como os nomes próprios são usados)
2. relação entre nome e referente conhecidos ou mencionadas no cotidiano (que nomes as pessoas e os lugares têm)
3. repertório (conjunto de nomes próprios conhecidos, pode incluir nomes em outros idiomas)
4. pronúncia dos nomes conhecidos e regras supostas para pronúncia de nomes desconhecidos (como os nomes são pronunciados)
5. grafia segundo as regras ortográficas do idiomas (pode incluir conhecimento sobre a grafia de nomes de outros idiomas).
6. informação gramatical (como gênero e número dos nomes próprios) ¹²
7. constituição (número de nomes de pode haver em um prenome ou em um topônimo)
8. significado associativo (forma-se de acordo com as vivências do falante com os referentes dos nomes)
9. significado emotivo (presente por exemplo nos hipocorísticos nos quais há uma conotação afetiva nos nomes)
10. fatores sociolinguísticos (presunção sobre a classe social e o gêneros dos nomes de pessoas, por exemplo)
11. imaginários etnosocioculturais (presunção sobre qualidades atribuídas aos nomes como a de que nomes de pessoa em língua inglesa tem mais prestígios do que nomes na língua portuguesa)
12. processo de nomeação: quem nomeia e quando (pode incluir os aspectos legais da nomeação oficial)
13. motivação da nomeação(conhecimento sobre a história da escolha do nome, do porquê um determinado nome foi escolhido)
14. usos e valores de prenomes no mundo ficcional (literatura, cinema, mini-séries, telenovelas, <i>games</i> , etc.)
15. significado etimológico e/ou histórico

Fonte: elaborado pela autora

Considerando os componentes 12, 13 e 15 da competência onomástica dos falantes sobre o prenome, procurou-se investigar o

¹² A informação gramatical depende da língua em questão, no caso de línguas declinatórias, com a língua lituana, há também informação sobre os casos e suas declinações.

que eles sabem sobre seus próprios nomes e verificar se nomes com significado (histórico ou etimológico) religioso cristão são escolhidos por motivação religiosa, isto é, em que medida estas informações são conhecidas por seus portadores, ou seja, se o conhecimento descrito na seção anterior faz parte da competência onomástica dos participantes brasileiros da pesquisa. Se, de um lado, o conhecimento do significado religioso do nome é um indício indireto do conhecimento do respondente sobre a religião professada e/ou a cultura cristã em geral, de outro, o desconhecimento do significado do nome e/ou de sua conotação religiosa evidencia o processo de opacificação dos nomes próprios já descrito por estudiosos da área (CARVALINHOS, 2007; FROSI, 2014; GUÉRIOS, 1981; LÓPEZ-FRANCO, 2014, entre outros).

Dentre os portadores de nomes com significado religioso, é preciso distinguir aqueles que receberam o nome daqueles que o atribuíram aos filhos. Na primeira categoria, há 29 portadores, dos quais 23 mencionaram o significado etimológico dos nomes e, quando foi o caso, também sua conotação religiosa, 5 mencionaram o significado, mas não a conotação, e 1 mencionou a conotação, mas não deu informação sobre o significado etimológico do nome. Na segunda categoria, há 7 filhos de respondentes. Na segunda categoria, há 6 mães que informaram que escolheram o nome em decorrência do seu significado, sendo que uma delas forneceu informação sobre o significado que não condiz com a real etimologia do nome. Em termos percentuais, 79% dos portadores e 86% dos designadores demonstraram conhecer o significado religiosos dos nomes, dos que lhes foram dados no primeiro caso e daqueles que foram escolhidos para os filhos no segundo.

Esses resultados confirmam o previsto por Ortega-Ojeda (1994): para cada saber sobre os nomes corresponde a um não-saber e a competência onomástica varia muito de sujeito a sujeito. Contudo, em desacordo com suas previsões de que apenas, eventualmente, os falantes saberiam apontar o significado etimológico dos nomes, no caso da amostra analisada, houve uma parcela significativa com conhecimento do significado e da etimologia dos nomes (79% dos portadores e 86% dos designadores). Esse resultado pode ser relacionado à facilidade de acesso a esse tipo de informação via consulta a sites da internet que fornecem a etimologia e o significado dos nomes próprios de pessoa, assim não se pode descartar a hipótese de que alguns dos informantes possam ter consultado algum desses sites seja em momento anterior à geração

de dados, seja no momento mesmo em que estavam respondendo ao questionário. Em todo caso, com relação a este aspecto do conhecimento onomástico dos falantes, Lopez-Franco (2014) o havia colocado no nível da língua, contudo, considerando a consciência linguística dos informantes da amostra analisada, os dados mostram que, para esses participantes da pesquisa, este conhecimento está situado no nível da norma.

Apesar da possibilidade de uma parte dos informantes ter procurado o significado etimológico de seus nomes somente em decorrência da necessidade de responder ao questionário, é inegável que este aspecto da competência onomástica do falante não tem uma importância secundária ou marginal para os portadores de prenomes religioso o que pode indicar que há um conhecimento religioso compartilhado na sociedade brasileira, provavelmente decorrente das tradições religiosas do país. Essa característica cultural, contudo, não se relaciona à questão da motivação real pela qual esses nomes foram escolhidos conforme mostram os resultados apresentados a seguir.

Nesta última etapa da pesquisa, verificou-se em que medida os nomes de significado religioso foram escolhidos por seu significado religiosos, isto é, por motivação religiosa. Conforme as informações fornecidas pelos respondentes, dos 48 prenomes portadores, 14 foram escolhidos por motivação religiosa. O quadro 13 traz evidência textual extraída dos relatos escritos nos questionários bem como o ano de nascimento dos nomeados.

QUADRO 13 – Prenomes escolhidos por motivação religiosa

Nome	Nascido em	Evidência textual
1. Cristina (n.2)	1969	24 de julho é dia de Santa Cristina.
2. Gabriela (n.1)	1998	Minha mãe quem escolheu o “Gabriela” por conta do anjo Gabriel.
3. Elisângela	1990	Em segundo lugar, minha mãe, apesar de pouco alfabetizada, sempre ligou o nome Ângela a tudo aquilo que vem de Deus, àquilo que é celestial, iluminado, etc.
4. Ester n.2	1997	Este nome foi escolhido (...) por causa da “personagem” bíblica.
5. Emanueli n.2	1999	Minha avó paterna escolheu Emanueli devido ao seu significado, pois ela é muito religiosa.

6. Lucas	1996	porque é um nome bíblico
7. Lucas (n1)	2016	Eu escolhi o nome Lucas, porque eu havia dito que o chamaria por um nome de um Evangelista.
8. Lucas Matheus	2000	A família da minha mãe é bem religiosa, ela me conta que, por não conseguir engravidar, fez uma promessa à Nossa Senhora, e, como conseguiu engravidar, colocou dois nomes bíblicos.
9. Maria n.1	1999	teve interferência religiosa
10. Maria n.1	1993	“Maria” foi escolhido também por minha mãe, por complicações na gravidez. Ela fez promessa a Nossa Senhora “Maria” para que eu viesse com saúde
11. Maria n2	1986	Meu segundo nome, Maria (...)foi escolhido por meus pais devido ao fato de serem devotos de Nossa Senhora Aparecida
12. Rita Maria	1967	O uso de Maria se deu porque minha mãe fez uma promessa que, se tivesse um parto bom e fosse menina, teria Maria no nome.
13. Rebeca (n1)	1999	Minha mãe escolheu porque Rebeca era uma das mulheres mais bonitas do reino e seu amor por Isaque era muito verdadeiro, ou seja, é uma das histórias de amor mais bonitas da Bíblia.
14. Keila	1996	Minha mãe, juntamente com a minha avó materna escolheram esse nome por ser bíblico = está localizado no antigo testamento no livro I Samuel, capítulo 23, com uma pequena mudança de grafia.

Fonte: elaborado pela autora.

Os relatos dos informantes sobre a motivação da escolha dos nomes também evidenciam a variação subjetiva do componente onomástico: enquanto os das informantes 13 e 14 são bem detalhados, o do informante 9 é bastante vago; já os de número 2, 4 e 6 se limitam a informar a origem bíblica dos seus nomes. Outros apontam para o hábito católico de nomeação em cumprimento de uma promessa (relatos dos informantes 8 e 10), escolha do nome segundo o calendário dos nomes de Santos (relato do informante 1), ou escolha por devoção (relato 11). Há também um relato de escolha pelo significado histórico do nome (relato 7) e outro que informa que a escolha ocorreu por conta de seu significado etimológico (relato 5).

Do ponto de vista quantitativo, observa-se que, dos 48 nomes religiosos, apenas 14 foram escolhidos por motivação religiosa, perfazendo cerca de 29% desta categoria de nomes. Considerando-se toda amostra, a escolha antroponímica por motivação religiosa corresponde a 8,6% das motivações mencionadas. Esse resultado pode ser comparado com os de uma pesquisa anterior realizada na mesma universidade na qual os questionários foram aplicados. Na pesquisa anterior foi utilizado um *corpus* mais limitado composto por 19 questionários aplicados em 2013 e 23 relatos narrativos elaborados em 2012 a alunos universitários nascidos nas décadas de 1980 e 1990, mas os resultados foram semelhantes: dos 42 prenomes coletados, 16 apresentavam significado religiosos e deste conjunto apenas 2 nomes foram escolhidos por motivação religiosa perfazendo 4,76% (SEIDE, 2016). Esse aumento na utilização de motivação religiosa na amostra maior em comparação com a utilizada em pesquisa anterior pode estar relacionado à maior abrangência da amostra quantitativamente mais ampla a qual inclui informantes nascidos antes e depois das décadas de 1980 e 1990.

Não obstante o aumento nas menções à motivação religiosa nesta pesquisa, de modo geral, para ambas, é válida a interpretação segundo a qual, atualmente, não é frequente a escolha de prenomes com significado religioso por motivação religiosa. Em outras palavras, a hipótese explanatória formulada, em 2016, parece adequada para também explicar o resultado obtido nesta pesquisa: a atitude de se evitar atribuir um nome ao filho pode ser relacionada a uma opção por não determinar previamente a religião do filho ao nascimento. Trata-se de uma atitude que parte da concepção de religião como sendo uma “escolha que pode dar-se com base num elenco cada vez mais amplo de alternativas e que pode ser também uma escolha provisória, haja vista haver, hoje em dia, a possibilidade de um indivíduo mudar de religião várias vezes ao longo de sua vida” (SEIDE, 2016, p. 348).

4 Considerações Finais

A pesquisa apresentada neste artigo teve por objetivo desenvolver um estudo inicial sobre o conhecimento onomástico de portadores de prenomes com significado etimológico ou histórico cristão. Para tanto, foi analisado um recorte de uma amostra formada por questionários escritos respondidos por alunos e professores de um curso de graduação de uma universidade estadual do oeste paranaense.

Em primeiro lugar, foi feita uma descrição do repertório de prenomes religiosos e respectiva análise do seu significado etimológico e/ ou histórico. Esta etapa de pesquisa mostrou uma correlação entre carga semântica dos nomes, história do cristianismo, do catolicismo e da história do Brasil colonial, resultados que corroboraram o há previam Guérios (1981) e Carvalinhos (2007): se encontram inscritas na antroponímia as marcas da da histórica, da cultura e da ideologia da sociedade que os criou.

Em seguida, explicitada a carga semântica e histórica da antroponímia religiosa, procedeu-se à análise dos dados relativos ao conhecimento que seus portadores tinham sobre o seus próprios prenomes. Verificou-se que 79% dos portadores e 86% dos designadores tinha conhecimento do significado etimológico e/ ou histórico de seus nomes. Este indica que, ao menos para os respondentes do questionário, o conhecimento do significado etimológico do prenome não ocupa um papel marginal e secundário conforme postulara Ortega-Ojeda (1994), nem se situa no nível da língua, conforme propusera López- Franco (2014), mas sim no nível da norma, onde se situa a consciência metalinguística pré-científica dos falantes. Não se pode desconsiderar, contudo, que o maior conhecimento do significado etimológico do prenome pode ser decorrente da facilidade de acesso a dicionários etimológico *on-line* e que se tivessem sido feitas entrevistas orais sem possibilidade de acesso a esses dicionários talvez se obtivessem resultados diferentes dos obtidos pela pesquisa ora apresentada.

Como quer que seja, a análise das informações conseguidas mediante aplicação de questionários escritos reuniu evidências de que os respondentes dos questionários (1) têm conhecimento do significado religiosos de seus nomes, (2) sabem a motivação que resultou na escolha de seus nomes; a informação sobre a motivação da escolha antroponímica, contudo, mostrar haver pouca convergência entre o significado e a motivação para a escolha dos nomes religiosos, tendo em vista que apenas um em cada quatro prenomes religiosos foram escolhidos por motivação religiosa.

Não obstante este estudo exploratório ter alcançado os seus objetivos, não se pode negar as limitações da pesquisa empreendida. Considerando todos os aspectos do conhecimento onomástico do falantes descritos no quadro 5 neste artigo, o estudo exploratório apresentado, além de se limitar ao próprio prenome do respondente, abrangeu apenas

três dos quinze componentes propostos a saber: (1) os relativos ao processo de nomeação: quem nomeia e quando, (2) a motivação da nomeação e (3) o conhecimento etimológico ou histórico do nome. Essas limitações indicam a necessidade de desenvolvimento de mais pesquisas de campo para que se consiga abranger todos os aspectos do conhecimento onomástico dos falantes não apenas sobre o seu próprio prenome, mas também sobre outros tipo de antropônimos e sobre os nomes das pessoas com as quais o falante convive.

Apesar de limitada, acredita-se que a pesquisa apresentada neste artigo possa contribuir para um melhor entendimento das diferenças existentes entre o significado etimológico do prenome e a motivação para sua escolha e uma melhor compreensão sobre em que consiste o conhecimento onomástico do falante.

Referências

AMARAL, E. T. R. Contribuições para uma tipologia de antropônimos do português brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 63-82, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4168/3766>. Acesso em: 1 mar. 2020.

CARVALINHOS, P. J. As origens dos nomes de pessoas. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2007.

CASTOLDI, T. S. S. *A Igreja que conquistou um império: história da ascensão do cristianismo no império romano*. 2014. 96f. Monografia (Licenciatura em História) – Centro de Ciências Humanas e Jurídicas, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014.

CHAHON, S. Visões da religiosidade católica no Brasil Colonial. *Revista Digital Simonsen*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 85-99, 2014. Disponível em: http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2014/12/Revista-Simonsen_N1_Sergio-Chahon.pdf. Acesso: 28 set. 2019.

COSERIU, E. Linguistic Competence: What Is It Really? *The Modern Language Review*, [S.l.], v. 80, n. 4, p. 25-35, 1985. Disponível em: <http://links.jstor.org/sici?sici=0026-7937%28198510%2980%3A4%3Cxxv%3ALCWIIR%3E2.0.CO%3B2-X>. Acesso em: 12 set. 2019.

DAUZAT, A. *Les noms de personnes: origen et évolution Prénoms – Noms de famille – Surnoms*. 4. ed. Paris: Delagrave, 1950.

FROSI, V. M. Sobrenomes italianos. *Signum: Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 17, n. 2, p. 389-412, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2014v17n2p389>

GUÉRIOS, R. F. M. *Dicionário Etimológico de nomes e sobrenomes*. 2 ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

HAJDÚ, M. The History of Onomastics. *Onomastica Uralica*, Helsink, Finlândia, v. 2, p. 7-45, 2002. Disponível em: <http://nevtan.arts.unideb.hu/nevtan/tagozat/06hajdu.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

HURLBUT, J. *História da igreja cristã*. 2. ed. Trad. J. Batista. São Paulo: Vida, 2007.

KLEIBER, G. Sur la définition des noms propres: une dizaine d'années après. *In*:

NOAILLY, M. (ed.). *Nom propre et nomination*. Actes du Colloque de Brest. Toulouse: Université de Toulouse-Le-Mirail; URA 1033; CNRS, 1995. p. 11-36.

LÓPEZ FRANCO, Y. G. *Un siglo de nombres de pila en Tlalnepantla de Baz. Estudio lexicológico y sociolingüístico*. México: UNAM-Plaza y Valdés, 2010. LÓPEZ-FRANCO, Y. G. El semanticismo de los nombre propios. *Revista Trama*, Marechal Cândido Rondon, PR, v.10, n. 20, p. 69-81, 2014.

MELO, A. B.; SANTOS, M. R. S. Catolicismo popular e suas performances coletivas. *MÉTIS: História & Cultura*, Caxias do Sul, RN, v. 14, n. 28, p. 157-171, 2015.

OLIVER, N. *Dicionário de nomes: todos os nomes do mundo*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

ORTEGA-OJEDA, G. La competencia onomástica dialectal, a propósito del caso canario. *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, San Cristóbal de La Laguna, Espanha, n. 13, p. 291-307, 1994. DOI: <https://doi.org/10.5151/9786555500011>

SEABRA, M. C. T. C.; ISQUERDO, A. N. A Onomástica em diferentes perspectivas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018.

SEIDE, M. S. Usos de antropônimos como elementos coesivos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 23-35, 2008. ISSN 1984-8412. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2008v5n2p23>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2008v5n2p23>. Acesso em: 24 fev. 2020.

SEIDE, M. S. A identidade religiosa na antroponímia de Marechal Cândido Rondon. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p.333-352, 2016. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.24.1.167-186>

SEIDE, M. S.; PETRULIONĖ, L. Between Languages and Cultures: an Exploratory Comparative Study of Usage of Lithuanian and Brazilian Masculine Anthroponyms. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 1201-1226, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.26.3.1201-1226>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12745>. Acesso em: 24 fev. 2020.

UCHÔA, C. E. F. Eugeniu Coseriu no quadro da linguística moderna. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 42-53, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.v1i55.273>

VAN LANGENDONCK, W. *Theory and Typology of Proper Names*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110197853>

ANEXO

INSTRUMENTO DE GERAÇÃO DE DADOS

PARTE 1

Nome completo:

Data e local de Nascimento:

Idade:

Profissão:

Nome do pai e data de nascimento:

Nome da mãe data de nascimento:

Profissão do pai:

Profissão da mãe:

Religião do pai:

Religião da mãe:

Sua religião:

Se não tem religião, escolha uma das alternativas abaixo

() sem religião, () ateu () outro, especifique: _____

Você tem filhos? Se tem, informe seu(s) nome (s) e ano de nascimento

PARTE 2

Incluindo ao menos as informações abaixo solicitadas, escreva a seguir um relato pessoal sobre a história da escolha de seu nome. Se tiver filhos, conte também como seus nomes foram escolhidos, por quais motivos e por quem.

Você sabe se o seu nome tem algum significado? Se sim, o que ele significa?

Você sabe quem e por qual (quais) motivo(s) ele foi escolhido?